

“REPRESENTAÇÃO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO POR CRIANÇAS DE DIFERENTES CLASSES SOCIAIS”

Aluna: Renata de Oliveira Pinto Caldas

Orientadora: Maria Inês Garcia de Freitas Bittencourt

Introdução

Na contemporaneidade a explosão demográfica e os deslocamentos de populações trouxeram novas configurações às cidades, que apresentaram um crescimento desordenado e contrastes extremos entre riqueza e pobreza.

Sendo assim, a segregação se torna um fato corriqueiro, fato que marca principalmente a infância. O confinamento em espaços protegidos, como apartamentos, condomínios, shopping centers e carros com vidros fechados, interfere na experiência da rua que deixou de ser espaço de convivência e, no caso da infância, de brincadeiras.

Objetivo

O objetivo da presente pesquisa é investigar como as crianças de diferentes classes sociais representam – através do desenho – a experiência da rua na cidade do Rio de Janeiro, mais especificamente na Zona Sul e na favela.

Metodologia

Esta é uma pesquisa qualitativa composta por um estudo teórico seguido por uma investigação de campo, na qual foram realizadas atividades com grupos de crianças de 10 anos de idade, moradoras de uma favela (Rocinha) e de um bairro de classe média/alta (Gávea) da zona sul da cidade do Rio de Janeiro. O objetivo foi investigar como representam, através do desenho, o bairro onde residem e outro bairro diferente do seu pelas características sócio-econômicas.

Uma vez colhidas as representações e, feita uma primeira análise, percebemos a complexidade e dicotomia do material levantado: as crianças da favela conhecem efetivamente os dois bairros, aquele onde moram e o outro mais favorecido (Gávea) onde estudam; já as crianças do asfalto não conhecem efetivamente a favela da Rocinha, desta forma a desenharam de acordo com seu imaginário.

Sendo assim, num primeiro momento optamos por analisar as oito composições que as crianças da Zona Sul e da Rocinha fizeram acerca da Gávea e do Leblon, respectivamente, uma vez que são os locais que todas conhecem efetivamente, por suas escolas se situarem nestes dois bairros.

Conclusão

No que se refere à execução e resultado final das composições, para as crianças de classe sócio-econômica baixa parece haver menos cobrança sobre resultados, sendo seus desenhos mais espontâneos, cheios de vida, entusiasmados, em comparação com os desenhos das crianças mais favorecidas economicamente.

As crianças da classe sócio-econômica mais favorecida percebem a Gávea com bastante realismo (estão na fase do pensamento operatório concreto, segundo Piaget), mas não se

inserir no desenho e sequer colocam outras crianças. Parece que elas, na sua condição de crianças, não seriam necessárias ao bairro. A criança que brinca, que corre, que passeia não aparece.

As crianças da favela da Rocinha também representaram o Leblon com bastante realismo, mas se implicaram mais nas representações. Não através delas mesmas, mas através do seu desejo projetado nas crianças ricas que, de fato, usufruem do bairro. Nesse caso, essas crianças aparecem jogando futebol, na piscina ou consumindo no shopping ou restaurante.

As crianças da favela além de enxergarem o asfalto como local do desejo e da inacessibilidade, indicaram a revolta pelo não pertencimento, através dos assaltos. As crianças do asfalto enxergaram seu bairro como local de passagem, de consumo, onde elas ainda ocuparão um espaço, quando crescerem, talvez por isso desenharam lojas e adultos e quase criança alguma. É o que Rabello de Castro (2001) pontua acerca da experiência “pós-moderna”: isolamento, desenraizamento e individualismo levam à falta de pertencimento ao mundo. A autora pontua que este fenômeno incide com maior intensidade sobre as crianças, uma vez que foram alijadas de vários espaços de convivência nos quais os adultos ainda podem circular, o que acarreta maior isolamento da coisa pública.

Referência Bibliográfica:

RABELLO DE CASTRO, Lucia (org). Da invisibilidade a ação: crianças e jovens na construção da cultura. IN: *Crianças e jovens na construção da cultura*. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2001.